



TRADUZINDO LORD ALFRED TENNYSON: *ULYSSES* (1842) COMO FONTE HISTÓRICA

DOI: <http://dx.doi.org/10.48098/refiedi.v2i1.245>

Alexandre Bartilotti Machado

Universidade do Estado da Bahia – UNEB - Brasil

Márcia Maria da Silva Barreiros

Universidade do Estado da Bahia – UNEB - Brasil

Resumo: Nosso objetivo aqui é o de expor uma tradução do poema *Ulysses* (1842), de Lord Alfred Tennyson (1809-1892). Uma tradução de *Ulysses* nos parece importante para termos mais uma fonte para investigar as relações entre estudos de gênero, história das mentalidades e representações literárias 1) na Antiguidade homérica e 2) numa relação dialética entre o tempo no qual o poema se passa e o tempo no qual ele é produzido, a Modernidade oitocentista.

Palavras-chave: Idade Média; Modernidade; Lord Alfred Tennyson; Inglaterra; Romantismo

Figura de grandeza similar ao francês Victor Hugo ou ao nosso Machado de Assis, Lord Alfred Tennyson (1809-1892) ocupa um lugar especial no cânone literário da Inglaterra como o principal poeta do romantismo inglês. Infelizmente, como nenhuma de suas coletâneas foi traduzida para o português brasileiro, estamos perdendo, há muito tempo, a chance de dialogar com sua rica obra. Em sua poesia, Tennyson dedicou-se, sobremaneira, a construir poemas dedicados à retomada de temas da Antiguidade e do Medievo. Tendo composto em diversos estilos – indo desde o verso livre até a balada vitoriana, seus poemas se dedicam, principalmente, ao diálogo com o passado greco-latino da Inglaterra. O poema que aqui expomos traduzido tem por título *Ulysses*: primeiramente escrito em 1833, o poema publicado em 1842, ganhando consideráveis elogios. Este poema, assim como toda a obra de Lord Alfred Tennyson se encontra em domínio público.

Ulysses foi publicado, pela primeira vez, em *Poems* (1842). Nele, o eu lírico é o próprio rei de Ítaca, que, numa espécie de monólogo em verso livre, conta sua desventura depois de ter retornado à sua casa e de ter estabelecido a paz em seu território. Agora velho, Ulisses, entediado, anseia por novas aventuras; deseja novamente sair de Ítaca e se aventurar pelo mar. Durante todo o poema, o tema da velhice relacionado à coragem e à dignidade



parece ser o foco do eu lírico. O monólogo em verso livre traz algumas singularidades ao texto, especialmente no que tange à pontuação: respeitando o ritmo de ideias que aflige o eu lírico, há vírgulas onde normalmente haveria pontos e não há vírgulas onde normalmente se lhes esperaria. Manteve-se, na medida do possível, durante a tradução, a pontuação conforme o texto original. Este monólogo se sustenta sob três estrofe: na primeira, Ulisses fala sobre sua situação tediosa em Ítaca e nos conta seu plano de sair e viajar; na segunda, nos é apresentado Telêmaco e suas qualidades como o novo governador de Ítaca; na terceira, o eu lírico acaba o poema apontando o que ele espera encontrar em seu caminho e as possíveis consequências de sua nova – e talvez última – viagem.

Este poema nos serve, enquanto fonte histórica, para duas coisas: 1) analisar como se dava o entendimento da masculinidade – sobretudo, da masculinidade aliada à categoria “geração” – na Antiguidade homérica, bem como 2) analisar como Lord Alfred Tennyson, homem do século XIX, se apropriou das fontes antigas e as representou em sua obra.

Ulisses

É pouco proveitoso a um rei ocioso,
Dentro deste calmo lar, em meio a penhascos estéreis,
Casado com uma esposa velha, eu meço e reparto
Leis desiguais a esta raça selvagem,
Que se amontoa, e dorme e se alimenta, e não me conhece.
Não posso descansar da viagem: beberei
A vida até as borras. Todos os tempos aproveitei
Grandiosamente, sofri grandiosamente, ambos com aqueles
Que me amaram, e sozinho na costa, e quando
Através das chuvosas Híades
Agitaram o mar escuro: um nome eu me tornei;
Para sempre perambulando com o coração desejoso,
Muito eu vi e conheci; cidades de homens



E costumes, climas, conselhos, governos,
Assim como a mim, também honrado por todos;
E um ébrio prazer da batalha com meus pares.
Longe das planícies de Tróia cheia de ventos.
Sou parte de tudo que conheci;
Ainda assim, toda experiência é um arco através do qual
Se vislumbra aquele mundo desconhecido cuja margem desfalece
Para todo o sempre ao meu mover.
Quão frouxo é pausar, por um fim,
Se deixar enferrujar, não brilhar em uso!
Como se a vida fosse respirar! Vida empilhada sobre vida
Eram todos muito pequenos e iguais para mim
Pouco resta: mas cada hora se salva
Daquele silêncio eterno, algo mais,
Um portador de coisas novas; e vil era
Por cerca de três sóis para me armazenar e acumular,
E este espírito cinza ansiando em desejo
Para seguir o conhecimento como uma estrela que decai,
Além do limite extremo do pensamento humano.

Este é meu filho, meu próprio Telêmaco,
A quem deixo o cetro e a ilha, –
Bem amado por mim, com discernimento para cumprir
Este trabalho, por lenta prudência, para tornar moderado
Um povo robusto e com força suave
Subjugando-os ao útil e ao bom.



O mais inocente é ele, centrado na esfera
Dos deveres comuns, digno de não falhar
Nos ofícios da ternura e em prestar
Apropriada adoração aos deuses de minha casa
Quando eu me for. Ele faz o seu trabalho, eu o meu.

Ali está o porto; o navio enche sua vela:
Para lá, os amplos oceanos escurecem. Meus marinheiros,
Almas que labutaram comigo no pensamento e no trabalho –
Que, sempre, com uma galhofa, saudavam
O trovão e o raio de sol, e opuseram-se
A corações livres e a testas livres – você e eu somos velhos;
A velhice ainda tem sua honra e sua labuta;
Com a morte, tudo termina: mas algo antes do fim,
Algum trabalho de tom nobre ainda deve ser feito
Não é impróprio aos homens lutar com os deuses.
As luzes começam a piscar das rochas:
O longo dia definha: a vagarosa lua ascende; as profundezas
Ao nosso redor gemem com várias vozes. Venham, meus amigos,
Não é tarde para procurar um novo mundo.
Afaste-se e posicione-se bem para golpear
As sonoras esteiras; pois meu propósito me espera,
Navegar além do pôr do sol e sobre o reflexo
De todas as estrelas ocidentais até que eu morra.
É certo que talvez o golfo nos derrubará:
Pode ser que nós alcancemos as Ilhas Felizes



E vejamos o grande Aquiles, nosso conhecido.
Muito é tirado, muito persiste; e, embora
Não tenhamos a força dos velhos tempos
Que moveu a terra e o céu, aquilo que nós somos, nós somos;
Um idêntico temperamento de heroicos corações
Feitos fracos pelo tempo e pelo destino, mas fortes em vontade
Para lutar, para procurar, para achar e não para se submeter.

REFERÊNCIAS

Lord Tennyson, Alfred. Ulysses. In: _____. **The Complete Works of Lord Alfred Tennyson**, v II. New York: Frederick A. Stokes Company, 1981. p. 88.

Alexandre Bartilotti Machado

Graduando em História pela UNEB – Universidade do Estado da Bahia – campus I. Tem experiência na área de História, com ênfase em História Antiga, História Moderna e Filosofia da História, atuando principalmente nas relações entre literatura e gênero, Homero e a história social helênica, teorias e métodos das historiografias e Filosofia da História, com pesquisas em representação do feminino na literatura ocidental. E-Mail: alexandrebmachado@yahoo.com
<https://orcid.org/0000-0002-9561-8721>

Márcia Maria da Silva Barreiros

Graduação em História pela Universidade Católica do Salvador, Mestrado em História pela UFBA, doutorado em História – PUC-SP e Pós-doutorado em História pela USP. É docente Titular da UNEB e pesquisa História das Mulheres e das Relações entre os Gêneros.

E-Mail: mm.barreiros@yahoo.com

Recebido em: 24/11/2020
Aprovado em: 06/01/2021